

1 Introdução

1.1. Justificativa

A pesquisa foi motivada por uma busca de aprofundar o sentido do verbo ver, sobre o qual, o quarto Evangelho é emoldurado, dinamizado. Pois o desejo de ver a Deus está presente, nas formas mais variadas, em todas as religiões, em todas as culturas, em todas as pessoas. Os gregos que representam o mundo pagão aproximam-se de Filipe e lhe dizem: “Queremos ver Jesus” (Jo 12,21). Ao relatar o desejo pagão, expresso neste texto, o evangelista está dizendo: Vossa aspiração de conhecer a Deus, e mesmo de vê-lo, é perfeitamente legítima. Somente Cristo, no entanto, pode preenchê-la, pois, na terra, ele é o único revelador autêntico dos mistérios divinos. O desejo de ver a Deus e sua realização são colocados por santo Irineu e se tornaram clássicos.¹ Na expressão “Nós vimos a sua glória” (Jo 1,14) percebe-se uma teologia da visão que estrutura e dinamiza o prólogo do primeiro ao último versículo e que será explicitada ao longo de todo o Evangelho. Ao contemplar o Filho unigênito que assumiu a nossa carne, ao ouvir as Palavras que ele disse e ao ver as ações que ele praticou, os interlocutores experienciam a gratuidade, a fidelidade e o amor de Deus para conosco. Ver Jesus está no centro da teologia e da espiritualidade Joanina. O caráter epifânico do Evangelho de João permite ao leitor fazer, com os olhos da fé, a experiência feita, com os olhos carnis, pela testemunha ocular.²

Do começo ao fim, nas palavras, nos sinais, nos símbolos escolhidos pelo evangelista, o quarto Evangelho proclama: “Nós vimos a sua glória”, a glória do

¹ Cf. LIÃO, Irineu de. *Contra os hereges*, IV, 20,5-7, pp. 1449-1450. “A claridade de Deus vivifica. Recebem, portanto, a vida os que vêem a Deus. Por esse motivo, o ilimitado, o incompreensível e invisível apresenta-se ao ser humano compreensível e tangível, a fim de vivificar aqueles que o tocam e o vêem... A existência da vida provém da participação em Deus. Participar da vida de Deus é vê-lo e gozar de sua benignidade. Por conseguinte, os seres humanos verão a Deus para viverem, feitos imortais pela visão e elevados até Deus... A glória de Deus é o ser humano vivo, e a vida do ser humano é a visão de Deus.”

² Cf. BUSSCHE, Henri Van den. Jean: *Commentaire de l'Évangile Spirituel*, p. 21.

Verbo que “se fez carne e ergueu sua tenda no meio de nossas tendas”.³ O tema das tendas remete ao tempo do livro do Êxodo 36. As tendas eram formas de abrigo, em trânsito. Para manifestar sua presença no meio do povo a caminho, Iahweh ordena que lhe façam uma tenda na qual ele irá habitar (Ex 36,8ss). Quando ele vem habitar essa tenda, ela se enche da glória do Senhor.⁴ Depois da destruição do Templo de Jerusalém (70 d.C.), o tema da tenda se fortalece. Assim a festa das tendas⁵ evoca a presença de Deus com o povo, de acampamento em acampamento, pois ela é a habitação móvel.⁶ Jesus Cristo veio armar sua tenda no meio de nós e é a plenitude de vida (Jo 10,10) que eleva o humano à condição divina para a sua glória. Sua amizade não exige que se renuncie aos desejos de plenitude vital, porque ele ama a felicidade também nesta terra. Diz o Senhor que ele tudo criou “para que de tudo desfrutemos” e cuidemos da vida⁷ (1Tm 6,17). Todo ser humano, grande ou pequeno, rico ou pobre, forte ou fraco, foi criado para ser iluminado pela luz do Verbo e para ser vivificado com a plenitude de vida que Deus, criador e Pai, oferece por Jesus, o “Verbo que se fez carne”.⁸ Esta expressão tem um sentido próprio para o evangelista. Significa que o próprio Deus, aquele que se revela, assume a natureza humana não como um simples invólucro, mas como algo real e concreto a fim de resgatar o ser humano na sua totalidade. Quando o Verbo eterno aceitou ser solidário com o gênero humano, fazendo parte do mundo sensível, através do nascimento, do crescimento e da morte, isto representou sem dúvida a ação amorosa mais fundamental da iniciativa divina que, mediante um amor totalmente gratuito, se doa do alto para transformar todas as indigências.⁹

³ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, p. 26.

⁴ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aquí, nem em Jerusalém*, p. 54. “O verbo grego *skênoô* pode ser traduzido por habitar, mas o seu sentido literário mais próprio é armar tenda, pois ele veio mostrar que a vida nesta vida não é senão um trânsito. Quando alguém tem consciência de que se instala por pouco tempo, arma a barraca e não constrói casa. É uma expressão intencional do evangelista para enfatizar a finalidade da missão do Filho como aquele que recoloca as coisas no seu eixo original.”

⁵ Cf. McKENZIE, John L. “tenda” *Dicionário Bíblico*, p. 921. “No Novo Testamento a festa é mencionada somente uma vez. É a festa à qual Jesus foi às ocultas depois que ele recusou ir publicamente Jo 7. Os rios de água (Jo 7,37) podem ser uma alusão ao rito da libação da festa. O título ‘luz do mundo’ que Jesus deu a Si mesmo (Jo 8,12) deve ter sido expresso durante a iluminação da festa das Tendias.”

⁶ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aquí, nem em Jerusalém*, p. 54.

⁷ Cf. BROWN, Colin & COENEN, Lothar. “vida” *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, pp. 2650-2651.

⁸ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, pp. 62-63.

⁹ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, pp. 125-129.

Obviamente que, a partir destes primeiros pressupostos, vinha-me o questionamento: Se o ser humano foi criado para ser iluminado pela luz do Verbo que é fonte de vida para todos, por que a ausência da vida transparece em tantos rostos? Perpassava-me também outra inevitável indagação: Como ajudar o ser humano na conquista de sua verdadeira dignidade de filho de Deus? As Palavras pronunciadas por Deus a seu Filho: “Tu és o meu Filho eu hoje te gerei”, ou ainda: “Eu serei para ele um Pai e ele será para mim um Filho” (Hb 1,5), são verdadeiras para todos os filhos adotivos de Deus. A consciência da origem, da dignidade e do destino do ser humano deve, portanto, iluminar todas as situações da vida e alimentar as mais elevadas aspirações, inclusive a de se deixar iluminar por Jesus, a luz do mundo.¹⁰

Assim, contempla-se a irradiação da graça e da verdade do Verbo encarnado. O Verbo que existia no princípio voltado para Deus (Jo 1,1-2), o Filho unigênito, que existiu, por toda a eternidade, voltado para o seio do Pai, deu a conhecer o Deus que ninguém viu jamais. Vendo Jesus com os olhos da fé, os cristãos vêem também o Pai agindo nas obras do Filho (Jo 5,19; Jo 9,6). O ver leva a crer no amor com que o Pai amou antes da criação do mundo (Jo 17,24). Pois o Filho participa ativamente na obra do Pai no momento da criação, desta forma, quando ele assume a natureza humana (Fl 2,6), ocupa-se das coisas do Pai, que são também as coisas dele, desde o princípio. Deste modo, os sinais de Jesus, em sua missão, foram sinais recriadores: a cura do paralítico (Jo 5,1ss); a cura do cego de nascença (Jo 9,1ss); a reanimação da vida de Lázaro (Jo 11,1ss). No momento da transformação de uma situação existente, Jesus atua não apenas como a força do alto que liberta de situações caóticas, mas realiza as maravilhas de Deus que fez todas as coisas perfeitas. No início da criação, depois de cada obra, Deus via que tudo era bom (Gn 1,10-25). O escritor do Gênesis acrescenta na criação do ser humano que, depois de tê-lo feito, tudo era muito bom (Gn 1,31). Jesus, na interpretação do evangelista, estava com o Pai em todas as etapas da criação, sendo com ele, co-criador.¹¹

No entanto, o texto sobre o qual detêm-se a atenção sobre a temática do ver é o episódio do cego de nascença no qual se manifesta o modo de ser do Deus da

¹⁰ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, p. 52.

¹¹ Cf. MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre - Saudade ou Esperança*, pp. 34-36.

vida, através da ação recriadora¹² de Jesus, luz e vida para a humanidade Jo 9,1-12, ou mais exatamente, nas duas primeiras sub-unidades do relato como tal, que tratará do milagre com a reação dos circunstantes, ou seja, o diálogo com os vizinhos, por estar aí colocada a afirmação de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”. Numa associação com o primeiro dia da obra criadora do universo o autor do Evangelho coloca o Λόγος (Logos) como luz do mundo: Haja luz e a luz se fez (Gn 1,3). Num primeiro momento, pareceu-nos ser possível abordar a perícopé sob o ângulo da disputa pelo poder entre “judeus” dirigentes do tempo e a comunidade Joanina. Porém, nossa abordagem é uma tentativa de verificar a pedagogia da luz-Jesus na sua atuação recriadora do cego de nascença, em íntima relação com o ver. Esta é a finalidade primeira na qual a nossa pesquisa se assenta, e por isso mesmo se concentra na primeira parte do relato. Ao falar do Λόγος (Logos) como a luz, o evangelista está indicando que ele simboliza a vida e a felicidade perfeitas. Como a luz é discernimento, essa Palavra vem para ser apresentação do Pai, a vida verdadeira. O calor da luz é vida, a vida é conhecimento. E este se torna critério da verdade.¹³

A luz se encontra sempre em oposição à treva. É provável que esta seja uma situação representativa do caos inicial. Mas o Λόγος (Logos) é luz, ele refaz o primeiro dia da criação, libertando a luz do pecado, a verdade da mentira, a vida da morte, na recriação do cego de nascença.¹⁴

Deste modo, da busca inicial, firmou-se a possibilidade de verificar o conceito luz ligado ao conceito vida, expresso na Palavra de Jesus, na mesma grande unidade Jo 9,1-10,21 “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Pois desde o momento em que o cego de nascença aceitou a luz da vida, através da ação recriadora de Jesus, teve início uma nova vida, um longo processo de libertação, juntamente com o despertar, para o que significa a verdadeira condição humana, o objetivo para o qual Deus o criou, ou seja, ter a vida e liberdade. Jesus é o modelo de Homem em quem resplandece, em grau máximo, esta qualidade de vida, e é capaz de comunicá-la. Missão de Jesus e dos seus é mostrar esta possibilidade, mais do que com Palavras, com a realidade na qual vivem e com gestos que realizem a libertação das situações opressoras, às

¹² Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aqui, nem em Jerusalém*, p. 51.

¹³ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aqui, nem em Jerusalém*, p. 50.

¹⁴ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aqui, nem em Jerusalém*, p. 52.

quais impedem o ser humano de caminhar na conquista de sua verdadeira identidade.¹⁵

1.2. Metodologia e roteiro

A perícopes do cego de nascença Jo 9,1-12 será analisada pelo Método Histórico-Crítico, que apesar das deficiências e limitações apontadas pelos estudiosos, dentre elas o perigo de se fixar, reduzir tudo ao aspecto histórico, tem sido recomendado, como também, contribuído para uma compreensão mais exata da Sagrada Escritura. Todavia, quando necessário, não se deixará de lançar mão de outros métodos e abordagens, por exemplo, o método da análise narrativa, enquanto for uma ajuda, para o acesso e compreensão do texto, tal como ele chegou até nós.¹⁶

A pesquisa¹⁷ se desenvolverá do seguinte modo: na introdução será apresentada a justificativa; a metodologia e roteiro; uma visão geral sobre o estado atual das pesquisas, a fim de se saber o que dizem os estudiosos, a respeito do significado da luz relacionado ao conceito vida, na perícopes Jo 9,1-12. Este percurso pelos escritos tem por finalidade elencar e confrontar as idéias teológicas relacionadas ao simbolismo da luz, do barro e da água. Os especialistas, de um modo geral, relacionam o simbolismo ao gesto criacional de Deus e ao batismo cristão. Percorrendo este caminho, é que se pretende fazer uma abordagem a partir da temática escolhida: “A pedagogia da luz na “recriação” do cego de nascença”; contribuição da pesquisa e hipótese. Apresenta-se em seguida, de um modo breve e sintético, alguns tópicos considerados mais importantes, relacionados ao escrito de João, a fim de se obter um primeiro contato com o Evangelho no seu todo. Num terceiro momento, deter-se-á na análise do texto, e por fim à exegese. Por ser o coração da tese, este último capítulo ocupará um tempo maior na pesquisa. Deste modo pretende-se chegar à demonstração de que a vista dada ao cego se realiza através da ação recriadora de Jesus e da adesão à sua Palavra. O gesto criador e salvador de Deus, na pessoa do Filho, impulsionou o cego a dar passos

¹⁵ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*, p. 294.

¹⁶ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, pp. 43-46.

¹⁷ Inicia-se a pesquisa pelo levantamento dos estudos produzidos e publicados sobre a perícopes, nos últimos 50 anos.

na direção da vida. Ou seja, o cego de nascença, aderiu, acolheu a luz-Jesus e nasceu para uma nova existência.

1.3.

O estado atual da pesquisa

Em Jo 9,1-12 temos o episódio do cego de nascença, visto por muitos autores¹⁸ como um personagem simbólico representando a cegueira da humanidade em confronto com Jesus, a “luz do mundo”. Alguns estudiosos têm encontrado neste milagre, uma relação estreita com o gesto criacional de Deus e com o batismo, por causa do simbolismo da luz, do barro, e da água presentes no texto, freqüentemente citados pelos Padres da Igreja no início do cristianismo.¹⁹ Há também exegetas que relacionam o capítulo 9º de João com Jo 10,1-21, estabelecendo assim, uma ligação entre os termos “luz e vida”. Estas opiniões são afirmadas, questionadas, ou às vezes, nem citadas, pelos autores.

A fim de nos colocarmos no caminho a ser percorrido neste estudo, é preciso conhecer, ao menos as mais importantes linhas interpretativas de algumas concepções em causa e dentro de seu principal simbolismo, como os sentidos atribuídos aos termos: “ὄταν ἐν τῷ φῶς εἶμι τοῦ κόσμου” (enquanto estiver no mundo sou a luz do mundo). Procurar-se-á também, verificar o conceito de luz entrelaçado ao conceito vida, apontado por alguns autores e a sua relação com o modo de ser de Jesus na recriação do τυφλόν ἐκ γενετῆς (cego de nascença).

Rudolf Bultmann em 1959²⁰ dizia: “a cura do cego de nascença, tem suas características próprias. Afasta-se do tipo sinótico estilisticamente, em especial, pelos pormenores da discussão após o milagre. Os discípulos, ausentes desde o capítulo 6º, reaparecem em cena com a pergunta pela causa da cegueira, que pressupõe uma típica concepção judaica. A questão serve para provocar uma reação de Jesus, através da qual Jesus se torna o mestre”. O autor faz uma discussão em torno do sentido do milagre, que segundo ele está em manifestar ao mundo “as obras do Pai”. É Jesus, a luz do mundo, ao qual o Pai deu o poder de

¹⁸ Cf. BUSSCHE, Henri van den. *Commentaire de l'Évangile Spirituel*, p. 5-6; LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo São João*, pp. 226-227 e BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 513.

¹⁹ Cf. LAGRANGE, M. J. P. *l'Évangile selon Saint Jean*, p. 4

²⁰ Cf. BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*, pp. 250-253. Segundo este autor a “ação reveladora de Jesus está relacionada à não observação do repouso sabático”.

fazê-las, que dá vista ao cego. E esta história deve ser entendida, à luz deste símbolo. O gesto revelador de Jesus em (Jo 9,6) está intimamente ligado à não observação do repouso sabático, mas ao mesmo tempo, não significa nenhum obstáculo para a atividade-ensinamento de Jesus, conforme é anunciado em (Jo 9,14). O enviado é o próprio Jesus. O autor faz uma breve menção ao simbolismo da água, sem explicitar a referência ao batismo e não cita o simbolismo do barro, relacionado ao ato criador de Deus.

Para Henri van den Bussche,²¹ no seu comentário em 1967, o relato da cura do cego de nascença está muito bem colocado nesta secção em que o evangelista destaca os temas da vida e luz, capítulos 5º a 12 de João. “O cego é mais que um simples testemunho. Ele é um símbolo. A aparição deste personagem resume uma parte importante da história da redenção e da dominação e a personifica. O relato é uma introdução direta à alegoria do pastor e tem uma dupla significação: o cego recebe visão e compreensão”. Faz alusão à cegueira, tudo como em Is 32,3 que retoma Is 6,9-10, onde Israel é cego. Este relato quer marcar o contraste entre a evidência do milagre e a maldade dos fariseus, diante da evidência da cura do cego. O dia citado nas duas passagens (Jo 8,56 e Jo 9,4) é o tempo da atividade de Jesus, tempo da revelação da luz para o mundo judaico, que tem sua finalidade no momento presente. Henri van den Bussche²² diverge de Bultmann no modo de abordar as obras, quando enfatiza o aspecto da associação de Jesus aos seus discípulos: “Jesus responde por um plural ao plural de Nicodemos (Jo 3,2). Não, somente Jesus pode cumprir as **obras do Pai** e seu tempo é limitado à durabilidade de um dia”. A repetição das alusões ao símbolo da luz do mundo (Jo 8,12) integra o milagre no conjunto das festas solenes. Quanto ao simbolismo do barro ligado à criação, Bussche tem o mesmo parecer que Bultmann, não se posiciona, apenas acrescenta que Jesus o utiliza não porque era necessário, mas para provocar um incidente com os fariseus. A água da piscina de Siloé não pode curar, senão porque ela recebe sua força curativa do “Enviado”, Jesus. Deste modo o autor concorda com Bultmann no que se refere ao termo “Enviado”. Ambos não fazem referência ao simbolismo do batismo.²³

²¹ Cf. BUSSCHE, Henri van den. *Commentaire de l'Évangile Spirituel*, p. 5.

²² Cf. BUSSCHE, Henri van den. *Commentarie de l'Évangile Spirituel*, p. 10.

²³ Cf. BUSSCHE, Henri van den. Na mesma obra citada acima, pp. 6-8 diz: “a ironia, colocada, sobretudo no final do capítulo deve ser atribuída ao caráter literário de João”.

Contrapondo-se a Bultmann, 1959 e Bussche 1967, Thierry Maertens²⁴ também em 1967, escreveu um artigo apoiando-se em Antoine Chavasse.²⁵ Este autor restringe a sua pesquisa apenas na preparação para a Páscoa. O seu estudo o levou a descobrir que desde o ano 384 o capítulo 9º era uma das leituras importantes nas proximidades da Páscoa. Segundo Thierry Maertens a leitura do capítulo 9º de João foi de algum modo “monopolizada pela pastoral catecumenal do século IV e explorada mais diretamente em função da preparação para o batismo”. Estabelece, portanto, uma íntima relação ao simbolismo batismal.

Em sintonia com Bussche, Charles A. Dodd²⁶ em 1968, na sua obra, se refere ao quinto episódio, como sendo compreendido, sobretudo entre Jo 9.1-10.21. O autor relembra que os “capítulos 7º-8º de João apresentam Jesus ‘manifestado ao mundo’ como vida e luz, mas rejeitado”. Esta colocação com sua referência clara aos termos do Prólogo ocupa adequadamente a posição central no Livro dos Sinais. Nos três episódios antecedentes predomina o aspecto da vida. No capítulo 9º de João sobressai o aspecto da luz. “A luz brilha nas trevas, e as trevas, longe de as ‘vencerem’, são derrotadas e dispersadas”. No Antigo Testamento ambos os termos: luz e vida são usados com frequência para expressar aquela felicidade última ou salvação que é um dom de Deus aos homens. Neste sentido, e só neste sentido, pode-se dizer que Deus é luz para o seu povo.

Segundo Dodd, a ênfase dada ao tema da luz - segundo o estilo de João - está ligada aos discursos sobre a vida, pelo reaparecimento do símbolo da água verdadeira que é o Filho, o Enviado do Pai. Pois como os “homens ingressam na vida verdadeira através do nascimento pela água, recebem também a verdadeira luz lavando-se na água”.²⁷ Assim, no que diz respeito ao termo Enviado, Dodd segue a mesma linha de pensamento de Bultmann e Bussche.

Para Dodd o tema da luz tem maior efeito no julgamento estabelecido no final do capítulo 9º de João, cuja sentença judicial pronunciada por Jesus conduz sem interrupção ao discurso do Pastor e do rebanho.

²⁴ Cf. MAERTENS, Thierry. *História e Função das três perícopes do Cego de Nascimento, da Samaritana e de Lázaro*, in: Concilium, Os pontos Cardeais da Iniciação Cristã, pp. 55-59.

²⁵ Cf. citação no autor acima.

²⁶ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 459-469

²⁷ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 463.

No entanto, este discurso não pode ser compreendido, sem referência ao Antigo Testamento. A comparação do povo de Deus com um rebanho é parte de um simbolismo não só bem estabelecido, mas também natural.²⁸ Na comparação do profeta, pastores são as autoridades, e rebanho é o povo, que pertence exclusivamente a Deus. A função do bom Pastor é cuidar do rebanho em todos os sentidos, principalmente defendê-lo diante dos lobos. O que acontece porém? As autoridades políticas, ao invés de cuidarem do povo, o usam em proveito próprio. Em vez de defenderem o rebanho, o entregam aos inimigos. Na visão do profeta, a ruína da nação é culpa exclusiva das autoridades que a governam.²⁹ Entretanto, em João, o quadro do bom Pastor vai além do círculo de Ezequiel. De modo especial, o Pastor, não só cuida do rebanho, mas também dá a vida por suas ovelhas. Pois, o projeto de Deus a respeito do ser humano se completa com a morte de Jesus, sinal do seu dom de amor até o fim Jo 19,30. Assim o “tema da luz se desloca para o conceito-gêmeo de vida”.³⁰

Raymond Edward Brown,³¹ no seu comentário em 1971, assinala a mudança de tempo para o banquete da Dedicção, três meses depois de Tabernáculos em Jo 10,22. Ele se contrapõe aos autores citados acima, quando diz que a “história do cego de nascença começa em Jo 9,1 e termina em Jo 9,41”. Não faz nenhuma alusão ao tema do bom Pastor. “O milagre foi moldado por João em uma ferramenta ideal para o serviço apologético cristão e para uma instrução ideal para aqueles prestes a se batizarem”. Refere-se à unção e à água, na tentativa de confirmar a alusão ao batismo, mas estas observações não garantem o simbolismo batismal que, para este autor, fica em suspense. Aliás, para a maioria dos autores, o simbolismo do batismo é confirmado, no aparecimento da cena do cego de nascimento, na arte da catacumba antiga, como ilustração do batismo cristão, relacionado à unção com o barro, e ao ato de se lavar na piscina. Mas em quase todos eles pairam a incerteza, se esta era realmente a intenção do evangelista.

²⁸ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 464-465. No capítulo 34 de Ezequiel a “comparação com o povo de Deus se torna a base de um longo e elaborado apólogo. O profeta começa denunciando os chefes corruptos de Israel como falsos pastores do rebanho de Deus. Em vez de nutrir o rebanho, eles o pilham; em vez de protegê-lo, deixam que vague desnordeado, com o resultado que o rebanho é disperso e devorado pelos animais selvagens”.

²⁹ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 464.

³⁰ Cf. (Jo 10,28) o quadro do bom Pastor é enriquecido com traços que vão além do círculo de Ezequiel. “Em particular, o pastor dá a vida por suas ovelhas. Jesus morre na cruz para salvar a humanidade, ao passo que em Ezequiel, o Pastor cuida das ovelhas (Ez 34,1-31)”.

³¹ Cf. BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John*, pp. 362-382.

Segundo Brown, a primeira lição a tirar do texto é a atuação e o poder da luz sobre as trevas. Menciona brevemente o simbolismo do barro, relacionado com o ato criador de Deus.³² Este mesmo autor,³³ em 1975, acentua o fato da cegueira de nascimento relacionado ao tema da luz na festa dos Tabernáculos. Lembra que Isaías havia predito que o Messias seria a luz das nações e abriria os olhos aos cegos (Is 42,7-8). Concorda com Bussche, em 1967, no que se refere à ironia de João, “presente no contraste entre o que fora cego e a quem Jesus fez enxergar, e os fariseus que enxergavam e ficaram cegos por causa de Jesus”. “O cego era ignorante, **mas aprende muito**: os fariseus sabem tudo e não se lhes pode ensinar coisa alguma”. A recusa de Jesus em relacionar a cegueira com o pecado descarta a possibilidade de uma alusão ao batismo, neste ponto o autor se coloca em contradição com ele mesmo, no que havia dito no seu escrito anterior. Todavia, mais adiante vai colocar que a ênfase de João na significação simbólica da piscina sugeriu a Tertuliano e a santo Agostinho uma alusão batismal. Nas primitivas representações das catacumbas, a cura do cego é um símbolo do batismo. “A piscina cujo nome significa ‘enviado’ está no lugar de Cristo que é um enviado do Pai”. A cura propriamente dita se opera ao lavar-se na piscina de Siloé.

M. E. Boismard em 1977, expressa no seu comentário, que não obstante os sinais realizados por Jesus, a luz do mundo, os chefes religiosos de Israel recusam-se a crer nele. Sua incredulidade se opõe à atitude positiva e obediente do antigo cego de nascença. Juntamente com o antigo parálítico, eles constituem o pequeno resto de Israel, que vai crer em Jesus.³⁴ Maggioni Bruno,³⁵ no ano de 1978, concorda com R. E. Brown: ambos os autores afirmam que a primeira lição a tirar da perícopes é esta: a luz vence as trevas e suscita um julgamento. O segundo sentido é apologético, cuja discussão gira em torno do repouso sabático e enfim pode-se relacionar o episódio, com a dimensão batismal. Boismard vai dizer, como outros autores já citados,³⁶ que o relato também está ligado à perícopes do bom Pastor. A fim de confirmar a conexão, basta observar que em sua conclusão (Jo 10,21) aparece claramente uma referência ao milagre do cego. Francisco de la Calle, em 1978, destaca o sentido do relato em Jo 9,5 se referindo

³² Cf. BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John*, p. 375.

³³ Cf. BROWN, Raymond E. *Evangelho de João e as Epístolas*, pp. 476-478.

³⁴ Cf. BOISMARD, M. E. *Le Nouveau Testament*, pp. 323-325.

³⁵ Cf. MAGGIONI, Bruno in FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos II*, pp. 124-126.

³⁶ Cf. BUSSCHE, Henri van den e DODD, Charles A. Em suas respectivas obras citadas acima.

à luz,³⁷ que ilumina com sua Palavra reveladora, age, agora, segundo o próprio evangelista, com um milagre simbólico: o cego de nascimento. Em íntima união com isto, o evangelista fará também, Jesus falar da “sua missão de porta e de Pastor”. Luz que cega e luz que abre os olhos e conduz até à intimidade com Deus.

Segundo Rudolf Schnackenburg,³⁸ no seu comentário em 1980, o capítulo 9º de João expressa em primeiro lugar, uma intenção teológica: “Jesus é a luz do mundo, que veio para iluminar os homens prisioneiros das trevas”. É uma chamada escatológica a crer nele e a superar a cegueira na qual as autoridades do tempo haviam-se instalado. Estabelece o critério divisório entre os que o acolhem e por isso vêem e os que permanecem cegos por sua incredulidade e dureza de coração. Quer desmascarar a atitude e os métodos do judaísmo, robustecer a fé e alertar os leitores em sua confissão cristã.

No que se refere à alusão ao simbolismo do batismo afirmada pela exegese patrística, pela Igreja antiga, e a exegese moderna que volta a defendê-la de uma forma renovada, o autor coloca alguns argumentos tirados do próprio texto, mas em seguida os contesta. Citam-se apenas os que estão mais relacionados ao nosso tema: “permanência no pecado expressa no simbolismo das trevas e a luz recebida no batismo, mas o versículo 3 rejeita qualquer relação de pecado com o cego de nascença. Unção pelo barro, mas o verbo ungir poderia ser apenas uma expressão médica.

Segundo o autor, os Padres da Igreja só descobriram um ponto de relação, adequado com a idéia do batismo, de acordo com a índole de sua exegese teológica. A referência a representações por meio de pinturas, do episódio do cego de nascença nas catacumbas não convence, senão que houve uma alusão ao batismo em época posterior. A leitura do texto de João capítulo 9º, na catequese catecumenal, se tratava somente de uma aplicação litúrgica e pastoral, nada afirma sobre o sentido originário de João 9,1-12. O simbolismo é inegável, porém, difícil de determinar com segurança. Não existe, no texto, nenhum ponto firme, onde se

³⁷ Cf. DE LA CALLE, Francisco. *Teologia dos Evangelhos de Jesus*, p. 92. “A festa dos Tabernáculos era a festa da luz. Pela tarde, o Templo se iluminava festivamente. Era o momento em que, como escrevia Zacarias: ‘será um dia único, não haverá dia nem noite e ao entardecer haverá luz’. (Zc 14,7). A atuação de Jesus que o quarto Evangelho nos apresenta está em paralelo com a festividade: Jesus é luz”.

³⁸ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según Juan II*, pp. 280-284.

possa ancorar a intenção do evangelista de um simbolismo batismal, no capítulo 9º de João.

Comentando o capítulo 9,1-12 de João, Alviero Niccaci,³⁹ em 1981, diz que “em ‘sou a luz do mundo’ se encontra o tema central e o sentido do milagre que Jesus está para realizar (Jo 9,1-7)”. À narrativa da “iluminação” abrangendo o físico e o espiritual se desenvolve um grande processo contra o curado, que na verdade é um confronto polêmico entre o discípulo e os opositores de Jesus. Em conformidade com Bussche,⁴⁰ Alviero Niccaci diz que por trás do cego está sendo expulso o próprio Jesus. A afirmação “sou a luz do mundo” reassume (Jo 8,12). O servo de Iahweh é destinado a ser a “luz das nações”. Em relação ao simbolismo do batismo, não tem uma posição segura. Esta colocação é expressa no termo “talvez” e o autor prossegue dizendo que a tradição cristã viu neste episódio, não sem fundamento, o símbolo do homem novo, através do batismo. Concorda com Bussche, quando afirma que o capítulo 9º está inserido no contexto dos capítulos Jo 7º-10, festa dos Tabernáculos ou das luzes, tem continuidade com Jo 10,1-21 onde o cego é o primeiro do rebanho para o qual o bom Pastor dá a vida. Portanto, na perspectiva deste autor, os termos vida e luz, estão intimamente entrelaçados e se opõem ao modo de ser dos dirigentes do tempo, representantes das trevas, do abandono e da morte do rebanho.⁴¹

Em 1982, Juan Mateus,⁴² afirma também que a luz é Jesus, sendo que o resultado de sua ação e da aceitação por parte do cego, tem como efeito a visão. “Jesus é a luz que vem ao mundo, para dar vista aos cegos como salvação definitiva, anunciada pelos profetas, como símbolo da libertação da tirania (Is 29,18ss)”. As trevas se desvanecem diante da revelação de Deus.⁴³

Para Josef Blank,⁴⁴ em 1984, o que torna importante este texto, como relato de sinal, é o tema da luz do mundo formulado em Jo 9,5. Jesus está presente como “a luz do mundo”. A este símbolo corresponde a dupla reação humana da cegueira

³⁹ Cf. NICCADI, Alviero & BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de João*, pp. 158-160.

⁴⁰ Cf. BUSSCHE, Henri van den. *Commentaire de l'Évangile Spirituel*, p. 5.

⁴¹ Para Niccaci a cura é consequência do banho na piscina e não da aplicação do barro nos olhos. “Também Naamã o Sírio foi curado de uma lepra após ter-se banhado nas águas do Rio Jordão” (2Rs 5,1-14).

⁴² Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, pp. 407-415.

⁴³ Cf. (Is 60,1) “Põe-te em pé, resplandece, Jerusalém, porque a tua luz é chegada, a glória de Iahweh raia sobre ti. Com efeito, as trevas cobrem a terra, a escuridão envolve as nações, mas sobre ti levanta-se Iahweh e a sua glória aparece sobre ti. As nações caminharão na tua luz”.

⁴⁴ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, pp. 192-218.

e da visão, como respectivamente, expressão da descrença e da fé, da condenação e da salvação. Assim o milagre da cura está a serviço da revelação e da salvação. Este autor não se pronuncia a respeito do simbolismo batismal e ação recriadora de Deus em relação à luz, ao barro e à água.

Xavier Léon-Dufour,⁴⁵ em 1988, segue a linha de reflexão no que se refere à oposição, entre os que aceitam a luz e os que a rejeitam, enfatizando que o acontecimento narrado possui uma forte dimensão simbólica: “no miraculado aparece a figura do crente iluminado pela fé”. O simbolismo da iluminação recebe todo seu relevo do fato de se tratar de um cego de nascença. Situação sem paralelo na tradição sinótica. Simbolismo que funciona no sentido oposto: “os fariseus que, em presença do que fora cego negam o ‘sinal’, tornam-se cegos”. Léon-Dufour enfatiza o consenso de autores, em relação ao anacronismo referente à controvérsia sobre o sábado: a sentença da exclusão da sinagoga (Jo 9,22)⁴⁶ não pode ser justificada na época de Jesus de Nazaré e relaciona este fato com o simbolismo do batismo. “A maior parte dos estudiosos brigam pela ‘intenção do autor’, como se esta pudesse ser conhecida com certeza”. Se o texto comporta qualquer alusão ao sacramento, isto deve ser levado em conta. Também este autor, conforme Bussche, Dodd e Boismard, aponta para a unidade literária de Jo 9,1-10,21 intitulando-a: “luz nova e pastagens abundantes”.⁴⁷

Bento Silva Santos,⁴⁸ no ano de 1994, interpreta o texto como sendo o clímax da polêmica dos “judeus” contra Jesus. Entra em sintonia com outros autores, quando diz que “o milagre é uma ocasião para revelar quem é Jesus”: “Ele é a luz. Naquele homem cego, se manifesta a vontade salvífica de Deus. As reações dos circunstantes, assumem o caráter de um processo”. José Cárdenas

⁴⁵ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, pp. 226-224.

⁴⁶ “Se a controvérsia sobre o sábado ancora o episódio dentro do tempo do ministério de Jesus, um anacronismo notável o situa no tempo do evangelista.” Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p. 228. Contudo, KONINGS, Johan não obstante concorde com a idéia do anacronismo vai dizer também em sua obra: *Evangelho segundo João - Amor e Fidelidade* em 2005, que nada obriga a situar a excomunhão da sinagoga, só depois do sínodo de Jâmnia. Segundo este autor o “conflito com o judaísmo, pode ter surgido simultaneamente com a comunidade cristã”.

⁴⁷ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p. 246. “O discurso de Jesus não retoma a imagem da luz, mas passa à do Pastor e suas ovelhas. Muitos estudiosos vêm nesta sucessão, o reflexo de fontes e de unidades literárias sem nexos. Contudo, no fim da longa evolução, as duas imagens se encontram reunidas nas Parábolas de Henoc (89,28,41), onde o povo é comparado a um rebanho de ovelhas, que ficaram cegas e que recuperam a visão, quando o Senhor vem cuidar delas. Este testemunho literário confirma a hipótese de que Jo 9,1-10,21 constitui uma grande unidade”.

⁴⁸ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 315.

Pallares,⁴⁹ neste mesmo ano de 1994, faz uma abordagem do texto sob o aspecto do drama que envolve todos os personagens: “Cena após cena, se vê que Jesus coloca os homens diante do desafio de compreender a revelação e de responder a ela com fé”. O drama gera um longo processo, com o intuito de excluir o cego, mas na verdade é um processo contra a luz que é Jesus. Percebe-se uma oposição clarividente, entre o cego, que a cada passo se aproxima mais da luz, até chegar à iluminação completa e os fariseus, que se afundam nas trevas. Para José Bortolini⁵⁰ a luz do mundo é Jesus em conflito com as trevas - as lideranças político-religiosas - e revela ainda a dura situação em que vivia a comunidade do discípulo, para o qual os temas-gêmeo vida e luz dominam os capítulos Jo 2,1-12 e cuja associação de Jo 9 a Jo 10,1-21 é evidente.

Isidoro Mazzarolo,⁵¹ em 2004, acentua que a finalidade do relato é “chegar ao outro lado da cegueira, que é a dimensão espiritual”. Jesus aproveita para ensinar a partir de um fato. “Este é o encontro com o cego”. Os “judeus” negam ver a luz, a verdade e a libertação. Para este autor, no barro está a grande “manifestação de Deus, pois o ser humano e toda a criação são obra do Criador”. O gesto da unção com o barro simboliza a recriação do cego de nascimento.

Johan Konings,⁵² em 2005, tem a mesma linha de pensamento de outros autores: “a narrativa da cura é muito breve e serve apenas para encaminhar mediante um ‘trabalho’ a polêmica do repouso sabático”. Todavia, apesar das colocações contrárias Johan Konings parece seguir a idéia do simbolismo batismal. Segundo este autor, a cena é uma “evocação clara do batismo e crisma: o batismo no nome de Cristo e a vida cristã eram chamados, na Igreja dos primeiros tempos, de fôstismós, ‘iluminação’.” O batismo também é nova criação. Com o barro o Cristo-Ungido ungiu os olhos do cego (Jo 9, 6.11).

Observações conclusivas

Conforme as constatações decorrentes deste estudo, ou seja, no exercício de ouvir as vozes interpretativas de cada autor, confrontando-os ao mesmo tempo, deve-se ressaltar algumas considerações que mais se evidenciaram: no percurso

⁴⁹ Cf. PALLARES, José Cárdenas. *Jesus a luz que ilumina e põe em Evidência*, in: Ribla, A Tradição do Discípulo Amado, pp. 37-43.

⁵⁰ Cf. BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João*, p. 469.

⁵¹ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem aqui, nem em Jerusalém*, pp. 122-128.

⁵² Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João - Amor e Fidelidade*, p. 192.

de uma leitura atenta, percebe-se um consenso entre os autores em torno do simbolismo da expressão: “ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ὡς, φῶς εἶμι τοῦ κόσμου”. O episódio do cego de nascença é elaborado em torno desta Palavra de Jesus dirigida ao cego, aos seus discípulos e também a nós nos dias atuais.

Nesta Palavra se revela o tema central, o sentido simbólico do relato, no qual é emoldurado, desenvolvido um longo processo, em que cena após cena se vê que Jesus coloca as pessoas diante de um desafio de compreender a revelação e de responder a ela com fé. Estabelece-se a partir daí dois grupos: os que vêm e aderem à luz que é Jesus, o ex-cego; e os que, à proximidade da luz, não crêem, por isso, não vêm e se tornam cegos, “os judeus”. Assim o simbolismo da luz funciona no sentido oposto.

Quanto à referência ao simbolismo criacional-batistal presente no texto, constata-se uma tendência à não aceitação dos autores pela metade do século, “a maior parte deles brigam pela intenção do autor do Evangelho”.⁵³ Tendência esta, que nos dias atuais, volta a ser defendida, com a argumentação de que é difícil saber qual era realmente a intenção do evangelista e se o texto aponta para o simbolismo, fundamentado e defendido pelos Padres da Igreja, não há como não aceitá-lo.

Não obstante Johan Konings⁵⁴ indique a possibilidade de um conflito com os dirigentes do tempo, paralelo à época dos inícios da comunidade cristã, os autores em geral concordam no que se refere ao anacronismo da expulsão Sinagoga.

Finalmente, no que se refere à questão relevante para esta dissertação, ou seja, os conceitos gêmeos “luz-vida”, presentes também no prólogo, defendidos por Dodd e que encontra seu ponto de apoio em estudiosos, como por exemplo: Bussche, Dodd, Dufour e outros, quando apontam para a unidade literária de Jo 9,1-10,21, é bem possível articular o escrito, que doravante se desenvolverá entrelaçando os dois conceitos. Certamente, esta articulação nos levará, a vislumbrar por trás do texto, este fio condutor, a respeito da perícopa Jo 9, 1-12.

⁵³ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho Segundo João II*, p. 245.

⁵⁴ Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, p. 193.

1.4. Contribuição da pesquisa

Ao modo de um ensaio, sem a pretensão de ser completo, o presente estudo quer contribuir através da análise-exegética-teológica da perícopa Jo 9,1-12 da tradição Joanina, em alguns aspectos da vivência cristã e atuação pastoral.

O ensinamento de Jesus aponta para o despertar da consciência de que se é cego pelo caminho. Anda-se tateando na busca de ver Jesus. A fim de evitar cair na tentação da cegueira espiritual, é urgente percorrer o itinerário da fé, aprofundando sempre mais o conhecimento da pessoa e missão de Jesus. É preciso se deixar envolver pelo olhar⁵⁵ amoroso do salvador que, por pura gratuidade, vem a nós. Aceitar ser modelado, recriado em sua ternura, a fim de que na escuta obediente de sua Palavra, se faça a experiência do verdadeiro encontro com o libertador e Mestre.⁵⁶ É necessário também reconhecer os sinais da presença amorosa de Jesus, onde a vida está ausente, de modo especial, no rosto dos pobres e excluídos. Neste sentido a contribuição é valiosa, pois vem ao encontro dos fortes e recentes apelos da Assembléia dos Bispos da América Latina em Aparecida, no ano de 2007.⁵⁷ Vivendo o compromisso do batismo, os cristãos são convidados a perseverar na adesão a Jesus, e ao mesmo tempo sair ao encontro dos que estão fora da comunidade, a fim de incluí-los no grupo dos seguidores de Jesus.

O cristão como continuador da missão de Jesus, que lhe foi conferida no batismo, deverá incorporar em sua nova identidade como filho amado, o modo de ser do Deus de Jesus, ou seja, o Deus da vida. Assim, impulsionado pela graça da vida nova que o Cristo veio trazer, caminhará na conquista de sua dignidade humana, como também, ajudará os irmãos de caminhada na fé a fazer o mesmo. Conseqüência imediata da transformação realizada pela cura das cegueiras será o assumir corajosamente a missão de testemunhas da luz, diante dos dirigentes e autoridades dos dias atuais, mesmo sofrendo perseguições.⁵⁸

⁵⁵ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, p. 37.

⁵⁶ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. "criação" *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*, p. 48.

⁵⁷ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. *Conselho Episcopal Latino Americano*, p. 166.

⁵⁸ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. *Conselho Episcopal Latino Americano*, pp. 165-167.

1.5. Hipótese

O prólogo de João afirma que em Jesus estava a “vida, e **a vida era a luz** dos homens”. Por isso, tudo o que Jesus realiza é para que o Pai seja glorificado, é expressão da vida que vem de Deus e se manifesta nele. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).⁵⁹ Contudo, a manifestação da vida, **“luz do mundo”**, provocou a reação dos que mantêm um sistema de morte, de trevas (Jo 9,40). A luz, ou o ver, manifestação da **vida**, impulsionou o cego a dar passos na adesão a Jesus, não como um simples carpinteiro de Nazaré, mas como o Messias profeta, luz, criador e salvador do mundo. O ver lhe devolveu a **vida**, a dignidade humana.⁶⁰ Portanto, pretende-se verificar, a partir de uma abordagem histórico-crítica os conceitos gêmeos **vida-luz, através da ação recriadora-libertadora e pedagogia da inclusão**, firmada no modo de ser de Jesus, na recriação-transformação do cego de nascença, ou, dizendo de uma outra maneira: o cego nasce para uma **vida nova**.

⁵⁹ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 448-459.

⁶⁰ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 114.